

Desenvolvimento e clima

DELFIM NETTO, Antonio. "Desenvolvimento e clima". Valor Econômico. São Paulo, 13 de outubro de 2009.

Costumo redobrar os cuidados ao discutir questões relacionadas ao aquecimento global ou até que ponto se pode atribuir à ação do homem as mudanças climáticas que parecem mais perturbadoras à cada mudança de estação. São temas que vão colocar o Brasil em evidência na Convenção do Clima em dezembro em Copenhague, quando o debate esquentar a respeito do manejo das florestas tropicais.

Com segurança não se sabe, na realidade, o que causa o efeito estufa. Não se tem ideia da dimensão das alterações geradas pelos movimentos do equilíbrio do sistema solar que se repetiram algumas vezes no passado. As discordâncias entre "especialistas" e o desconhecimento manifestado pelos leigos que entram no debate sobre a proteção ambiental na Amazônia, por exemplo, são enormes. É evidente a necessidade de aumentar os investimentos em pesquisas sérias para tentar conhecer melhor as causas naturais da eventual degradação. E transmitir os conhecimentos de forma a obter a adesão das populações locais, não apenas no Brasil, mas em escala global, pois são as primeiras interessadas.

De outro lado, é importante que os demais brasileiros se convençam que estes são problemas umbilicalmente ligados ao desenvolvimento ecologicamente sustentado. Que existe um relacionamento estreito entre o aumento dos investimentos para a produção de combustíveis alternativos que reduzam a poluição, a presença de produtos de nossa agricultura nos mercados e o aumento da "preocupação" mundial com a proteção ambiental no Brasil.

Nossa sociedade é constantemente bombardeada com informações contrabandeadas do exterior, geralmente inspiradas em nossos concorrentes comerciais, no afã de convencer os brasileiros que somos responsáveis pela destruição da floresta amazônica ou da vegetação do Pantanal mato-grossense. Basta pensar um pouco para localizar os interesses contrariados com a expansão da produção agropecuária brasileira.

Temos hoje um setor de produção de carnes que atingiu o "estado da arte". Além de líderes no setor de aves, somos o primeiro exportador mundial de carne bovina, altamente competitivos em preço e qualidade. É natural que nossos concorrentes no mercado internacional procurem ligar nossa produtividade ao mau uso dos recursos naturais (derrubada da floresta amazônica, utilização de mão de obra infantil etc) E o que pareceria ser o argumento definitivo: "As pastagens degradam para sempre os biomas onde se instalam."

São afirmações que carecem de sustentação empírica, no mínimo necessárias para comprovar algum caráter "científico" ou as "certezas" de alguns ambientalistas. Pois bem: no Pantanal mato-grossense a pecuária extensiva é a atividade econômica mais importante há 300 anos. Uma pesquisa recente concluiu que 4/5 da vegetação nativa do bioma do Pantanal está intacta e que a pecuária extensiva tradicional praticada na região, com registro desde 1737, ajudou a construir o ecossistema com maior índice conservação do país!

Dois outros focos de "preocupação" externa, igualmente ligados ao desenvolvimento ecologicamente sustentado, são o crescimento dos investimentos na produção de combustíveis alternativos, como o etanol, e a expansão da geração da energia hidrelétrica com os projetos amazônicos de Jirau/Santo Antônio no rio Madeira, já em obras e a perspectiva da licitação para a construção de Belo Monte, no rio Xingu.

Não há argumentos convincentes para se contrapor às hidrelétricas, que vão ampliar ainda mais os percentuais da energia limpa que oferece a matriz brasileira, certamente a que menos contribui para a degradação do meio ambiente planetário. Já em relação ao etanol, é preciso precaver-se diante das objeções ao plantio da cana no cerrado e no mesmo Pantanal, a pretexto de que substituiria a cultura de alimentos ou com base em informações de degradação ambiental que nunca foram comprovadas.

Antonio Delfim Netto é professor emérito da FEA-USP, ex-ministro da Fazenda, Agricultura e Planejamento.